

CONSTELAÇÕES



40 anos do Paço Imperial

*Mostra reunirá
aproximadamente
160 obras
de mais de 100 artistas
que fazem parte
da história do centro cultural*

A partir do dia 28, todos os portões do Paço Imperial, no Rio de Janeiro, estarão abertos – incluindo o principal, voltado para a Baía de Guanabara e fechado desde a pandemia. Eles se escancaram para *“Constelações”*, grande mostra comemorativa dos 40 anos do centro cultural que se tornou ponto de encontro e referência para o circuito das artes visuais da cidade.

A celebração transforma o histórico casarão no centro do Rio em um vasto céu de encontros artísticos. A começar pela recriação do magnífico jardim concebido por Roberto Burle Marx, apresentado originalmente na exposição de 2008 que celebrou o centenário do artista, com curadoria de Lauro Cavalcanti, à época, diretor do Paço. Agora, o jardim será reinstalado no pátio principal, compondo um diálogo especial com as obras de Elizabeth Jobim.

Outro ponto alto da mostra são os seis trabalhos da série inédita de Luiz Aquila, *“Impregnação e sensação”*. Produzidos sobre cartão com pastel, guache e bastão de óleo, eles reinterpretam a experiência vivida pelo artista na viagem de 15 dias que fez ao México no ano passado. *“A viagem foi marcante pela forte identificação cultural com o Brasil, da herança ibérica às civilizações originárias e à cultura material ainda viva. Língua, tradições, paisagens, além da arte popular e das cores na arquitetura, me impactaram profundamente. Voltei ‘impregnado de México’, com o repertório ativado pelo contato com as pessoas e pelas longas travessias de carro”*, conta o artista.

Com curadoria da diretora Claudia Saldanha e de Ivair Reinaldim, em parceria com a equipe da instituição, *Constelações* ocupará 12 salões e os dois pátios inter-

Jardim Burle Marx, 2008

Foto: Divulgação



Elizabeth Jobim, *Variações*, 2019

Foto: Pat Kilgore





Luiz Aquila, da esquerda para a direita: *Sobrevoo*; *Engarrafamento em Oaxaca*; *Desenho quase paisagem*, todas as obras 2025
Fotos: Divulgação

nos, reunindo cerca de 160 obras de mais de 100 artistas de diferentes gerações – nomes que ajudaram a escrever a trajetória do espaço. Entre eles estão Adriana Varejão, Amilcar de Castro, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Arthur Bispo do Rosário, Beatriz Mílhares, Cildo Meireles, Denilson Baniwa, Hélio Oiticica, Iole de Freitas, Lygia Clark, Lygia Pape, Marcela Cantuária, Maxwell Alexandre, além do próprio Roberto Burle Marx e Tunga, entre muitos outros.

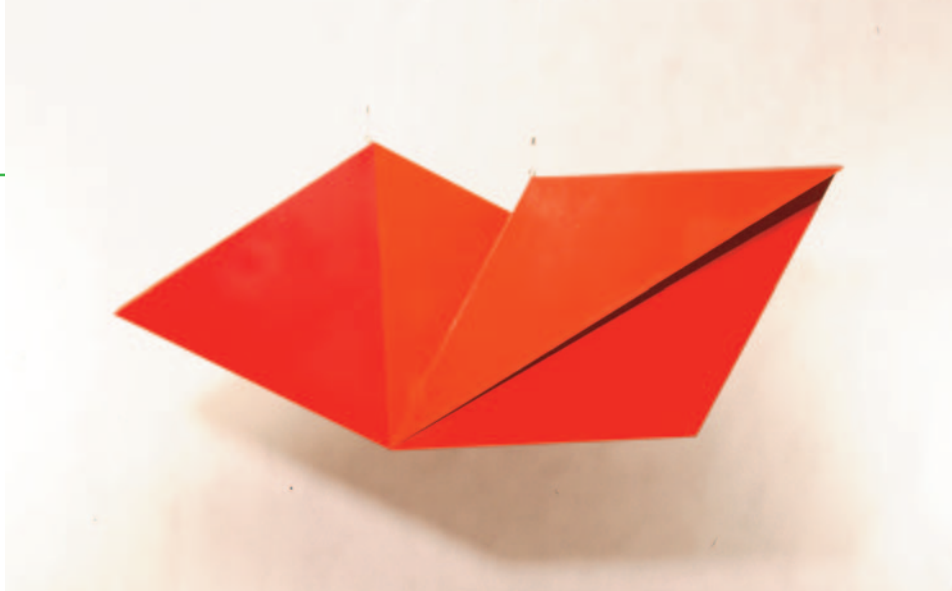
Mais do que uma retrospectiva, a exposição propõe um encontro de tempos. Obras icônicas dialogam com trabalhos inéditos, enquanto 15 vídeos da série sobre arte contemporânea produzidos nas décadas de 1980 e 1990 pela *RioArte* trazem de volta vozes e gestos de artistas que marcaram época. *“São vídeos muito importantes, feitos a quatro mãos pelos artistas e diretores. Não são um mero registro, mas obras concebidas como peças artísticas”*, conta Claudia Saldanha.

No dia da abertura, uma mesa de conversa reunirá convidados para refletir sobre a história e o futuro do espaço, dando início a uma programação que inclui seminários, oficinas e atividades educativas.

MONUMENTO DE ENCONTROS

Quatro décadas depois de sua criação, o Paço Imperial reafirma sua dupla natureza: monumento histórico e lugar vivo de encontros. Erguido no coração da Praça XV de Novembro, o edifício que testemunhou episódios decisivos da história do Brasil transformou-se, ao longo do tempo, em um ponto de convergência para a arte contemporânea.

Cada exposição, cada obra e cada visitante acrescentaram novas camadas de memória a esse espaço que hoje celebra sua própria trajetória como quem observa o firmamento: reconhecendo estrelas distantes que, vistas em conjunto, desenhavam uma forma.



Hélio Oiticica,
Relevo Espacial,
1960

Foto: Jaime Acioli

A ideia de constelação orienta toda a mostra. “Assim como no céu, onde estrelas separadas por enormes distâncias se conectam pela imaginação humana, as obras aqui reunidas revelam afinidades inesperadas entre artistas, linguagens e épocas”, afirmam os curadores. Sem hierarquias, a exposição aproxima arte contemporânea e arte popular, diferentes gerações e múltiplos suportes, organizados em núcleos temáticos que sugerem relações e atravessamentos.

Essa constelação também se forma graças a uma ampla rede institucional. Obras de importantes parceiros como o Instituto Moreira Salles, o Museu Bispo do Rosário, o Museu de Imagens do Inconsciente, o Museu de Arte do Rio, os Museus Castro Maya, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Museu do Folclore Edison Carneiro e o Sítio Roberto Burle Marx compõem esse grande encontro artístico.

Adelina Gomes, 1953

Foto: Mauro Domingues / Cortesia Museu de Imagens do Inconsciente



Ascanio MMM, *Prisma12*, 2023

Foto: Thales Leite





Wanda Pimentel, série *Envolvimento*, 1983

Foto: Jaime Acioli / Cortesia Pinakotheke

A pesquisa para a exposição levou cerca de um ano e partiu de um gesto simples: revisitar a história do Paço por meio dos artistas que passaram por suas salas. *“Não partimos necessariamente de obras que foram exibidas no Paço, mas dos artistas que já expuseram ali e foram importantes nessa história”*, conta Ivair Reinaldim.

Assim, a mostra reúne obras icônicas, trabalhos que nunca foram apresentados no espaço e criações inéditas pensadas especialmente para a ocasião, como a instalação *“Agrupamento”*, de José Damasceno, feita com



Jean Baptiste Debret, *Marimba*, 1826

Foto: Horst Merkel / Cortesia Museus Castro Maya

materiais garimpados na feira da Praça XV, em frente ao Paço Imperial, estabelecendo um elo poético entre a cidade e o espaço expositivo. Também integram o conjunto de trabalhos inéditos, obras de Marcelo Monteiro e Regina de Paula, que ampliam esse diálogo entre passado e presente.

A grande mostra *Constelações* se organiza em nove núcleos – *Paisagem, In Situ, Simbiose, Construção, Geografias, Corpos, Fortuna, Terra e Mar* e *Cidade* – distribuídos pelos dois andares e pelos pátios do edifí-

Luiz Braga, *Homem terra*, 1987



Suzana Queiroga, *Rioma*, 2017

Foto: Gabi Carrera





Luiz Zerbini, *A menina e o Peru*, 1988

Foto: Rômulo Fialdini



Luiz Pizarro, *Coração partido*, 1995

Foto: Rômulo Fialdini

cio. Não há um percurso obrigatório: todos os portões estarão abertos, inclusive o principal, voltado para a Baía de Guanabara, e cada visitante poderá traçar sua própria travessia, construindo sua constelação particular entre as obras.

No pátio principal estará o núcleo *Paisagem*, com o jardim de Roberto Burle Marx em diálogo com as obras de Elizabeth Jobim. O pátio dos pórticos irá exibir *In Situ*, com trabalhos que exploram a relação direta com a arquitetura do edifício, incluindo criações de Ascânio MMM, Ivens Machado, Celeida Tostes e Iole de Freitas, entre outros.

No primeiro andar, na sala Treze de Maio, estará o núcleo *Simbiose*, com obras que dialogam com elementos da natureza e com a arquitetura do Paço Imperial. Na sala do Trono, o núcleo *Construção*, apresentará alguns dos momentos importantes da história do espaço, como as exposições de Hélio Oiticica e Lygia Clark em 1986, durante o 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, e a primeira retrospectiva de Amilcar de Castro, em 1989,

com curadoria de Glória Ferreira, durante a gestão de Paulo Sergio Duarte.

Geografias estará na sala do Dossel, com obras que evocam espaços reais ou virtuais. As salas Mestre Valentim e Seletos serão dedicadas ao núcleo *Corpos*, com trabalhos que trazem representações diversas de corpos – sozinhos ou em grupo, visíveis ou sugeridos.

No segundo andar, a exposição volta o olhar para o entorno: a cidade, o mar e as camadas históricas do lugar, nos núcleos *Fortuna*, *Terra e Mar* e *Cidade*. Uma sala inteira será dedicada aos 15 filmes da série sobre arte contemporânea produzida pela *RioArte*, realizados em colaboração direta com artistas como Anna Maria Maiolino, Antonio Manuel, Lygia Clark, Lygia Pape e Tunga. Mais do que registros documentais, esses vídeos foram concebidos como obras autônomas, revelando processos, gestos e pensamentos.

A exposição inclui ainda uma linha do tempo que percorre a história do edifício – desde sua construção no



Tiago Sant'Ana, *Refino #2*, 2017 (vídeo)

século XVIII até sua transformação em centro cultural – e lembra episódios decisivos da história brasileira que ali ocorreram, como o *Dia do Fico* e a assinatura da Lei Áurea. Seminários, oficinas em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e um amplo programa educativo ampliam a programação, que culminará no lançamento de um catálogo.

SOBRE O PAÇO IMPERIAL

Fundado em 1985 e instalado em um edifício construído em 1743, o Paço Imperial atravessou séculos de história: foi residência de vice-reis, sede do poder imperial, agência dos Correios e, desde sua restauração conduzida pelo arquiteto Glauco Campello, tornou-se um dos principais centros culturais do país.

Quarenta anos depois de sua abertura ao público como espaço de arte, o Paço celebra não apenas o passado, mas o movimento contínuo que o mantém vivo. “*Constelações*” convida o público a olhar para esse firmamento coletivo, onde cada obra brilha à sua maneira e, juntas, desenham a história pulsante da arte brasileira.

SERVIÇO

“Constelações – 40 anos do Paço Imperial”

Abertura: 28 de março, às 14h

Até 7 de junho

Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial
(pátios, 1º e 2º pavimentos)

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2215-2093 / (21) 2215-2622

E-mail: diretoria@pacoimperial.org.br

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita

www.amigosdopacoimperial.org.br



Alexandre
Dacosta, série
Assoalho,
2012-2025
Foto: Divulgação



Ivan Serpa,
Garota de Ipanema,
1965

Foto: Jaime Acioli / Cortesia
Galeria Gustavo Rebello

Victor Arruda, *Trabalhos*, 2019

Foto: Rafael Adorján



Marcos Cardoso, *Flor do cangaço*, 2025

Foto: Divulgação

